

O “efeito Madalena”: Um diálogo entre o Pseudo-Dionísio, Adélia Prado e Hilda Hilst

Waldecy Tenório *

Resumo:

Javé, o Deus bíblico, é um fracassado no amor ou, ao contrário, seduz os seres humanos e para sempre se apossa de suas vidas? Mas, nesse caso, é amor mesmo ou apenas manifestação de seu poder patriarcal? O “desejo amoroso” de Deus está nas páginas da Bíblia, na teologia do Pseudo-Dionísio e em toda a literatura ocidental. Este artigo mostra a recepção deste tema na obra poética de duas autoras brasileiras: Adélia Prado e Hilda Hilst.

I O desejo amoroso de Deus

...e se lembrar de tantas outras passagens em que Deus é celebrado em termos eróticos (1). Pois é justamente o que se pretende fazer, porém levando mais longe o conselho do Pseudo-Dionísio, o Aeropagita. As “outras passagens” a que ele se refere são passagens bíblicas, que falam sobre o “desejo amoroso” de Deus. Entretanto, o que se quer é ir além, ver a ressonância bíblica em outras páginas da literatura ocidental nas quais se dá a intersecção entre o espaço literário e o espaço teológico. Neste artigo vamos aproximar literatura e teologia, estabelecendo um diálogo indireto entre o Pseudo-Dionísio (1) e duas autoras brasileiras. Pontuando mais a questão, vamos ver como Deus é celebrado em termos eróticos na poesia de Adélia Prado (2) e Hilda Hilst (3), duas autoras que resumem a resposta feminina e humana ao “desejo amoroso” do Deus bíblico.

Notemos, para começar, que o conselho do Pseudo-Dionísio é dado num contexto em que ele recorre ao livro dos *Provérbios* para defender-se da acusação de sustentar tese contrária à Bíblia quando se refere ao tema do “desejo amoroso” de Deus. O parágrafo completo é assim:

Para que não se imagine que sustentando esta tese iremos contra a autoridade das divinas Escrituras, aqueles que criticam o emprego da expressão “desejo amoroso” devem apenas ouvir esta palavra do Sábio: “Seja amoroso com ela e ela te guardará; envolve-a e ela te exaltará, honre-a para que ela te abrace” (Pr 4,6-9), e se lembrar de tantas outras passagens em que Deus é celebrado em termos eróticos (*Pag. 52*).

Logo se percebe que o Pseudo-Dionísio está interessado em defender e justificar a expressão “desejo amoroso” de Deus e o faz citando algumas passagens bíblicas, mas deixando ao leitor o trabalho de descobrir outras. Que tipo de artifício é esse? Ele teria mesmo esquecido passagens a esse respeito inesquecíveis ou quer nos enredar em seu próprio texto? Esquecimento ou astúcia?

Não custa nada dar uma força ao Pseudo-Dionísio, para o caso de uma improvável, mas sempre possível acusação póstuma de heresia, e o leitor certamente não se negará a ajudá-lo examinando, ele próprio “outras passagens” bíblicas em livros como O Cântico dos Cânticos ou outros mais que interessarem. Se tiver alguma dúvida sobre o *modus faciendi*, o próprio Aeropagita diz como proceder: por meio de pesquisas mais meticolosas e mais ousadas no detalhe (pág. 38).

Em contrapartida, este autor, que absolutamente não deseja explorar a mais valia do leitor, promete fazer o mesmo nos textos do próprio Aeropagita e, depois, naqueles que formam o corpus do seu trabalho. E assim, se amplia consideravelmente o campo de pesquisa, sem prejuízo da delimitação do objeto de nosso estudo, e saímos todos ganhando.

Para começar, vamos ver como as coisas se passam no interior da obra do Pseudo- Dionísio, porque este é o nosso ponto de partida. Primeira anotação a fazer: *.quando se trata de teologia, é preciso começar pelas preces* (pág. 35). Já se vê que é um homem piedoso, o Aeropagita, um místico profundamente reverente a Deus. Deixemo-lo, por um momento, recolhido em suas orações, e compulsemos a sua obra.

Desde o início, vamos aos poucos descobrindo outras facetas suas como, por exemplo, um traço de pugnacidade surpreendente num místico. Ele está disposto a entrar *na liça teológica* (pág. 38) e anuncia: *faremos esforços então, enquanto estiver em nossa possibilidade, de defender ousadamente nossa tese* (pág. 22). Mas de que é mesmo que se trata? De assegurar a legitimidade e o caráter bíblico da expressão “desejo amoroso” de Deus. Piedoso, sim, mas também pugnaz e ousado, o Pseudo-Dionísio.

Pois é assim, com piedade e ousadia, que ele nos conduz por labirintos teológicos para nos falar da paixão divina. . Antecipando aquele final apoteótico de *A Divina Comédia*, ele nos diz, referindo-se a Deus: *É o amor que o move e é porque é digno de amor que move os outros* (pág. 55). Uma clara antecipação do *amor che move il sole e l'altre stelle* (4).

A partir daí, e não podia ser diferente, o discurso do Aeropagita incorpora a linguagem da paixão. De que nos fala, afinal? De Deus como

esta Beleza que concede a cada um ser belo conforme a proporção que lhe convém, esta Beleza que produz toda conveniência, toda amizade, toda comunhão, esta Beleza que produz toda unidade e que é princípio universal, porque ela produz e move todos os seres e os conserva, dando-lhes o amoroso desejo de sua própria beleza. Para cada um, ela constitui, portanto, seu limite e o objeto do seu amor...(pág. 46).

Quem percorre as páginas escritas pelo Pseudo-Dionísio vai sendo aos poucos possuído por essa linguagem que a todo momento emprega mil variantes da expressão “desejo amoroso” de Deus. Se quiser, o leitor poderá dar um pequeno passeio pelos bosques da teologia do Pseudo e comprovar, ele mesmo, o que acaba de ler. Encontrará expressões como “ardor zeloso”, “divino Desejo”, “divina voluptuosidade”. É escandalosa essa linguagem. Pois sim, mas São Paulo já falava em escândalo a propósito do próprio cristianismo.

Continuando: o Pseudo-Dionísio não só é piedoso, pugnaz e ousado, como também é um escritor envolvente. Ele prende, seduz e, como um escritor aranha, não hesita em enredar o leitor nas teias do seu próprio texto. Em outras palavras, ele monta uma armadilha escriptural que, lembrando Barthes (5), dá mostras de que deseja o leitor: *Estou seguro de, com minhas palavras, despertar em ti as fagulhas latentes de um fogo divino* (pág. 288).

Esse Pseudo-Dionísio é muito astuto. .Aos poucos, vai nos envolvendo numa espécie de erosfera: *É o objeto de meu desejo amoroso que eles puseram na cruz* (pág.52). Mas essa já é a linguagem que Madalena entende. É também a linguagem dos místicos e dos poetas, inserida numa grande tradição que tem, em sua nascente, uma frase famosa de Santo Agostinho: *Pondus meum amor meus* (6).

II Ele pergunta: onde estás?

Percorrendo a Bíblia, o leitor encontrará páginas admiráveis que falam da paixão de Deus pelos seres humanos, como, aliás, já nos referiu o Pseudo-Dionísio. . Não é necessário, pois, retomar o tema de maneira exaustiva, a não ser para maior clareza da exposição. Se é esse o caso,

podemos ficar com um exemplo que esclarece bem a atitude do Deus bíblico diante dos humanos. É uma passagem que está no livro de *Oséias*, Em termos metafóricos, por mais que Deus tenha sido enganado e abandonado, o seu desejo pela mulher é tão intenso que, quando nenhum profeta consegue trazê-la de volta para ele, no afã de conquistá-la, ele diz: “*Eis que vou eu mesmo procurá-la, vou levá-la ao deserto e falar-lhe ao coração*”.

É claro que nem sempre é assim. Como a personagem redonda de E. M. Forster (7), ele muitas vezes surpreende o leitor e se apresenta como um valentão. Bateu, levou, olho por olho e dente por dente, fulmina Sodoma, transforma a mulher de Lot em estátua de sal, humilha Jonas, deixa o faraó em pânico. São tantas as malfetorias que Nietzsche o chama de *salteador de estradas*. E Jack Miles escreve logo no primeiro capítulo do seu livro: *É estranho dizer isso, mas Deus não é nenhum santo* (8).

Esse aspecto contraditório da divindade bíblica faz parte da ambilavência que, segundo Susan Handelman, é o legado que Moisés deixou ao povo judeu e expressa sempre a disposição para aceitar o *outro* sentido do texto (9). Isto é fundamental quando se trata de discutir questões difíceis como essa, que exigem um conhecimento profundo, inclusive da semântica dos verbos hebraicos. Já se disse, por exemplo, que Deus não sabe o que é o amor, até porque não teve essa experiência, não conheceu pai nem mãe (embora na Bíblia cristã ele dê um jeito nisso), vivendo como um solteirão, sozinho na eternidade. Jack Miles, no livro já citado, chega a compará-lo a Frédéric Moreau, personagem de *A educação sentimental* de Flaubert. Como Frédéric, Deus também seria um fracassado no amor. Será?

De qualquer forma, correndo o risco de alguma simplificação, pode-se afirmar que, desde os tempos bíblicos, Deus se mostra absolutamente carente da presença humana, embora alguns teólogos discordem fundados no pressuposto de que isso abalaria o conceito de sua onipotência. Já o Pseudo-Dionísio, como vimos, não hesita em falar no “desejo amoroso” de Deus. Mas é amor mesmo, como já se perguntou, ou afirmação do poder patriarcal? Como tudo em teologia, esse é um terreno minado, mas mesmo assim André LaCocque pôde notar, confirmando o Aeropagita, que o Deus bíblico se move num universo totalmente erótico (10).

A esse propósito, Jack Miles faz um instigante comentário quando se refere à passagem do capítulo 3 do Gênesis, na qual, depois de experimentarem o fruto proibido, Adão e Eva compreendem que estavam nus, e se escondem, e mesmo assim Deus os procura:

É o desejo compreendido, a vontade admitida que envergonha. Quando o Senhor Deus chama: Onde estás?, estará ele admitindo seu próprio desejo e conscientemente comprometendo a perfeição de sua soberania? Para colocar mais simplesmente, Deus sente falta deles? Serão os dois humanos, em seu agora vergonhoso desejo recíproco, uma imagem ainda mais perfeita dele, que os deseja tanto a ponto de criá-los mas que só a posteriori compreende o que estava fazendo? (11).

Mas o assédio nem sempre é assim tão evidente, Javé tem muitas artimanhas. Prova disso é o que ele faz para atrair Elias, no primeiro livro de Reis. Passa um vento forte, Elias se assusta, mas ele não está no vento. Depois um terremoto, outra vez Elias se assusta, mas ele não está no terremoto. Aí vem o fogo, mas ele não está no fogo. Então, o truque final: uma brisa suave, e ele aparece a Elias. Sim, é no sopro da brisa que Javé vem. E como bom ator, usa outros recursos. No capítulo 11 de *Oséias*, comove-se ao lembrar o tempo em que éramos meninos e ele nos tomava nos braços e nos dava de comer. No livro de *Isaías* ele diz que se manteve em silêncio por muito tempo, mas agora gritará como uma mulher na hora do parto. Enfim, o Deus bíblico fará qualquer coisa para seduzir os humanos.

Mas é na Encarnação que ele se supera e radicaliza de vez. Se, para Baudelaire, a criação é a queda de Deus, porque Deus cai na imanência, como definiremos a Encarnação? *Verbum caro*

factum est. E o Verbo se fez carne, como nos disse São João no *incipit* do seu Evangelho. Mas o que é isso? Um delírio divino? O ápice do seu desejo amoroso? . Seja o que for, a partir daí, o sagrado e o profano se misturam. Deus é homem e há de sê-lo eternamente, assim disse Karl Rahner, e Inácio de Antioquia foi capaz de uma fórmula radical: *Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus*. É a teologia pelo avesso, a inversão da *anabasis* em *katabasis* (12), Deus que se apressa em vir ao encontro do ser humano, o calcanhar de Aquiles de sua onipotência.

Na fonte de Jacó, segundo o relato de João, Jesus Cristo deixa a samaritana aturdida. *Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?* Mas esse amor é transgressor, não está nada preocupado em seguir essas regras políticas que nos separam *Se soubesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva*.

Os discípulos haviam ido à cidade, fazer compras, e Jesus estava sozinho com a mulher, na beira do poço. Quem lê a narrativa de João, sente que ela acha meio estranhas as palavras do Mestre, mas ainda assim vai ouvindo, vai ouvindo...até que os discípulos voltam, também eles se admiram ao encontrar Jesus com a samaritana, mas não dizem nada. Um pouco aflita, ela esquece o cântaro na beira do poço e corre à cidade: *Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz*. E pergunta *Não seria ele o Cristo?* É ele, esse sedutor.

Episódios assim, de explícita sedução, são muitos nos Evangelhos. Algumas cenas são inesquecíveis, cinematográficas. “Segue-me”, ele diz, e homens e mulheres largam tudo e seguem os seus passos. Mas a cena que desejo resgatar e para qual chamo a atenção, está registrada no final de todos os Evangelhos, depois da morte de Jesus, quando as mulheres, Madalena entre elas, vão ao sepulcro procurar o seu corpo. Em Lucas, dois anjos aparecem e lhes dizem que ele não está mais ali, ressuscitou. Em Mateus, Jesus aparece a elas. Em Marcos, aparece primeiro a Madalena. Nos três, os anjos ou o próprio Jesus lhes determinam que contem tudo aos discípulos, os quais, no entanto, não acreditam em nada do que elas dizem, suspeitando que se trate de puro delírio.

Mas é no Capítulo 20 de João que se dá algo notável. Perdoem a longa citação, dos versículos 1 a 18:

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvada. Então correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes: tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram. Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro. Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; e abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia não entrou. Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu. E voltaram os discípulos outra vez para casa.

Enquanto os dois discípulos voltam, Madalena não arreda pé:

Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outros aos pés. Então eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria. Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Rabôni! Que quer dizer, Mestre. Recomendou-lhe Jesus: Não me detinhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai,

meus Deus e vosso Deus. Então saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissesse estas coisas.

Essa passagem do Evangelho de João merece um comentário e podemos citar o do cardeal de Bérulle, o provável autor do sermão anônimo traduzido por Rilke (13). Depois de relatar os sucessivos encontros/desencontros entre Madalena e Jesus, após a morte deste, diz o autor do sermão:

Enfim, o próprio (Jesus) surge à sua frente, embora não seja reconhecido. Faz-se reconhecer; talvez queira contentar o seu amor ávido. De modo algum. Quer, pelo contrário, atormentá-lo desmesuradamente; pois, como está de todo enlevada, corre até ele, e Jesus lhe diz: Não me toqueis, mas ide dizer a meus irmãos que vou até meu Pai e até meu Deus. Ó Deus, que amante é esse que só aparece à amante para lhe anunciar sua partida imediata! Porém, deixai-a pelo menos beijar-lhe os pés. Não, não o fará. Ela se lhes lança, ainda acreditando encontrar em Jesus a mesma facilidade, e Jesus a rejeita e lhe diz: Não me toqueis, pois ainda não subi até meu Pai. Palavras inventadas para ser o eterno tormento de seu amor. Não me toques agora porque estou em tuas mãos; espera para tocar-me quando eu tiver subido aos céus. Afasta-te de mim enquanto eu estiver presente; espera para tocar-me quando eu não estiver mais sobre a terra; então, tu te lançarás com toda a sua força. Seria o mesmo dizer: Consome-te, parte o teu coração com esforços inúteis. Não é trocar do amor falar dessa maneira?

Nesse ponto, pedimos licença ao cardeal De Berrule para fazer uma observação óbvia mas necessária.. Um ensaio não pode dizer tudo e seria preciso, a rigor, mergulhar em toda a história da teologia para comprovar que, nos seus melhores momentos, ela foi contaminada pelo “efeito Madalena”. Não é evidentemente o que se vai fazer aqui. No nosso caso, é suficiente mencionar, como mencionamos, o Pseudo- Aeropagita e Santo Agostinho, que cito por uma espécie de obsessão ou compulsão bibliográfica. Até porque há sempre uma citação de Santo Agostinho pronta para socorrer o ensaísta em apuros, como esta: Deus é buscado para ser encontrado com mais doçura e é encontrado para ser buscado com mais ardor (14).

Também seria tema para outro trabalho repassar toda a história da literatura para mostrar como também ela é afetada pelo “efeito Madalena”. Todos sabemos que o tema do roubo do coração emigra das páginas de São João da Cruz para as páginas de romances e de poemas que nunca poderemos esquecer. Darei, por isso, apenas um exemplo. A imprecação de uma escritora descrente, Simone de Beauvoir, contaminada pela angústia dos profetas: Por que Deus não se mostra a todos, por um só instante, ao menos uma vez? (15)

III Elas respondem: Aqui, Senhor

Caminhando em direção à questão central do ensaio, quero retomar a última frase do cardeal De Berrule, antes que o interrompêssemos: *Não é trocar do amor falar dessa maneira?* É, sim, e é isso que provoca o “efeito Madalena” na teologia, na literatura em geral e, especificamente, na poesia das autoras que vamos ler agora, com a benção de sua Eminência.

Começemos por Adélia Prado, e ela resume tudo numa constatação dramática, como se lê no poema “A serenata”:

*Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.*

*Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:*

ou viro doida ou santa.

Adélia vira santa. O destino do homem não é a santidade, como ela diz no poema “Entrevista”? Esse tema aparece frequentemente na literatura. Em *A peste*, de Camus, por exemplo, Tarrou queria ser santo, mesmo sem acreditar em Deus. Só que Adélia não será nunca uma *santa de levitar*, ou seja, de ficar fora da terra. No início do seu desespero, e mesmo depois, é na terra que ela permanece, com todas as limitações de sua condição humana. E quanto a Hilda, doida ou santa? Ela mesma pergunta:

Dirias que sou demente
Louca?

Está resolvido: Hilda é doida, sim, e Adélia é santa. Mas se fosse assim, seria simples demais para ser entendido. Porque talvez seja exatamente o contrário. Adélia é santa mas é doida e Hilda é doida mas é santa. Agora sim, as coisas ficam mais claras: Hilda é santa e Adélia é doida. Mas vamos primeiro situar as duas para compreendê-las melhor.

Em primeiro lugar, Adélia é barroca, como ela mesma diz nos poemas “Gênero” e “Entrevista”, querendo dizer que herdou o legado do catolicismo barroco mineiro, com tudo que isso implica em termos de doutrina e de culto. Adélia vive sob a luz de velas, respira incenso e “*esta tristeza endócrina resolvida a jaculatórias pungentes*”, como está no poema “Limites”.

Se Adélia se define assim, como alguém que faz parte do mundo barroco, como se definirá Hilda? Ela se diz uma mistura

De piedosa, erudita, vadia
E tão indiferente

Pela ordem em que as palavras aparecem no poema, a piedade é a primeira reminiscência de Hilda, vem de tempos muito remotos, de sua infância e da infância de Deus. É um tempo no qual ela pode escrever:

Dorme, inventado imprudente menino

E esse menino, embora inventado – ou por que inventado e, além disso, imprudente - está de tal maneira entranhado no substratum cultural de onde vem a poeta, e na sua própria subjetividade, que se torna absolutamente necessário, como se pode ver no verso seguinte:

Dorme. Para que o poema aconteça.

E é como se Hilda dissesse: Dorme, para que o mundo se explique, pois esse mundo só se explica quando o poema acontece. Este é o lugar da piedade, mas esta piedade logo será confrontada com a “erudição”. Só que Hilda é moderna e erudição, no caso dela, significa um modelo de conhecimento que vai por em xeque toda a visão barroca do mundo de Adélia. Nesse modelo de conhecimento herdado por Hilda, o modelo da racionalidade moderna, não há mais lugar para esse “menino inventado”, que vem do barroco. Daí o mal-estar de Hilda que passa da “erudição” para a “vadiagem” intelectual, tomando o caminho seguido pela modernidade. Da negação ditada pelo ateísmo passa para a dúvida agnóstica e daí para a indiferença. No entanto, aquele resíduo de piedade não se perde, permanece como um fundo obscuro na vida de Hilda e se transforma depois numa dimensão inesperada de sua poesia.

Enquanto isso não acontece, continuemos aproximando uma da outra, nossas duas autoras. E ao fazer essa aproximação, deparamo-nos com algo inacreditável: pois não é que a “vadiagem” de Hilda consegue abalar os alicerces da “piedade” de Adélia? Adélia então se torna “vadia” e encontra na “vadiagem” de Hilda a força para se insurgir contra a sua própria “erudição”, ou seja,

contra a doutrina do seu mundo barroco. Daí porque ficaria trêmula (de raiva?) se Deus lhe dissesse:

Vem pro Carmelo estudar Tomás de Aquino.

Que Tomás de Aquino que nada! A santa não quer saber dele. Endoidou? Não, descobriu, no poema “A cicatriz” que

*Estão equivocados os teólogos
quando descrevem Deus em seus tratados.*

Ao fazer essa descoberta, Adélia sente que não pode simplesmente conformar-se com aquela doutrina, a sua herança barroca. Ela precisa sabotar o sono dogmático da escolástica e abrir-se para respirar outros ares. Esse é o momento, no poema “A serenata”, de uma interrogação pungente:

De que modo vou abrir a janela, se não for doida?

Aqui está a razão por que Adélia é santa mas, felizmente, doida. E quanto a Hilda, onde situar sua loucura? Pois bem, vimos como a “vadiagem” de Hilda contamina a “piedade” de Adélia. Agora vamos ver o inverso, a “piedade” de Adélia contaminando a “vadiagem” de Hilda. Quando isso acontece? Quando Hilda também decide contestar a sua doutrina, a “erudição” “moderna”. Contra o que mesmo Hilda se insurge? Contra um modelo de conhecimento que nos levou ao agnosticismo e à indiferença, como mostra essa passagem:

*Se eu vivesse mil anos
Suportaria
Teu a ti procurar-se.
Te tomaria, meus Deus,
Tuas luzes. Teu contraste.*

A coragem de invocar esse Deus que contrasta com as Luzes de onde vem a “doutrina” moderna, e assim insurgir-se contra ela, permite dizer que Hilda, essa doida, é também uma santa. Ou não é santa essa que escreve:

*Tu és, meu Deus,
A vida não desenhada
Da minha sede de céus.*

Santa doida ou doida santa, o que importa é que são apaixonadas e essa paixão as leva a desafiar o próprio Deus para se apossarem dele, mas preservando a condição de poeta.. E quanto a isso, há em Adélia uma passagem significativa no poema “Direitos humanos”. É quando ela escreve:

*Sei que Deus mora em mim
Como sua melhor casa.
Sou sua paisagem,
Sua retorta alquímica,

E para sua alegria
Seus dois olhos.
-Mas esta letra é minha.*

Ou seja, esqueçam aquela velha história de *ancilla*. A poesia não será uma sacristã domesticável, nem militante de nenhum partido. Não lhe peçam “mensagens”. Adélia diz: “Esta letra é minha”. Hilda recusa qualquer constrangimento teológico: *:Não te machuque a minha ausência, meu Deus*.

Bem entendido, se for para curvar-se diante de “doutrinas” ou sustentar “equívocos” teológicos ou políticos, não se pode contar com essas duas, nem mesmo sob as ameaças daqueles “leitores terríveis” de que fala Octavio Paz (16). Mas quais são mesmo os aspectos das “doutrinas” ou os “equívocos” contra os quais as duas se rebelam? O ponto central da discordância de Adélia e Hilda em relação a suas respectivas “doutrinas” está na questão do erotismo e na postura que essas “doutrinas” assumem diante do corpo.

Começando por Adélia, que é mais explícita a esse respeito, vamos ler o poema que se chama “Fotografia”:

*Quando minha mãe posou
para este que foi seu único retrato,
mal consentiu em ter as têmporas curvas.
Contudo, há um desejo de beleza no seu rosto
que uma doutrina dura fez contido.
A boca é conspícua,
Mas as orelhas se mostram.
O vestido é preto e fechado.
O temor de Deus circunda seu semblante,
como cadeia luminosa. Mas cadeia.
Seria um retrato triste
Se não visse em seus olhos um jardim.
Não daqui. Mas jardim.*

Ganharemos muito aproximando o poema “Fotografia” de um quadro de Gautier chamado “Irmãs de caridade”, analisado por Baudelaire::

Tudo no quadro de Gautier contribui para o desenvolvimento do pensamento principal: as longas paredes brancas, as árvores corretamente alinhadas, a fachada simples até a pobreza, as atitudes decentes e sem vaidade feminina, toda a feminilidade reduzida à disciplina do soldado, com um rosto em que brilha tristemente a palidez rósea da virgindade consagrada...(17)

De que falam, afinal, o poema e o quadro? Da dominação e do controle que uma “doutrina dura” tenta, felizmente sem sucesso, exercer sobre as mulheres, transformando o seu rosto num “retrato triste”. Lendo o poema, ficamos sabendo como essa “doutrina” sarcófoba quer o corpo das mulheres: o vestido assim, a boca daquele jeito...As orelhas, estas podem estar bem à vista para ouvir a penitência imposta pelos confessores.. Mas, pelo sim pelo não, devem ficar circundadas pelo temor de Deus.”Doutrina dura” – o poema acusa. Felizmente, e de maneira transgressora, o poema se abre para o desejo de beleza e para um jardim que os olhos – sempre eles – escondem em algum lugar.

Aqui é possível mostrar onde está a incompatibilidade entre Adélia e a “doutrina” e poderíamos resumir isso dizendo que Adélia não se inspira no temor mas no amor de Deus. E esse amor não é um amor platônico, como o que se vê nos tratados dos teólogos, é um amor real, corpo e sangue, como se pode ler no poema “Um jeito”:

*Meu amor é assim, sem nenhum pudor.
Quando aperta eu grito da janela
- ouve quem estiver passando-
ô fulano, vem depressa.*

Mas vem apenas do corpo, esse amor? Não, Adélia passa longe do materialismo rude que reduz o ser humano a uma única dimensão. Alguém poderia ser levado ao engano quando lê, no poema “Mulher querendo ser boa”, essa apóstrofe feroz: *Ó Deus, não me humilhe mais/ Com esta cociça no púbis*. Mas se continuar percorrendo as páginas de *Poesia Reunida* poderá ler, em “Nem um verso em dezembro”: *Minha alma quer copular*

Para poder fazer uma declaração desse tipo, Adélia tem de levar a sério a Encarnação, confrontando, ao mesmo tempo, a “erudição” barroca e a “erudição” moderna. Esta recusa o amor da alma, pois o amor é só do corpo. Aquela, recusa o amor do corpo, pois o amor é só da alma. A poesia de Adélia une corpo e alma, e é assim que ela responde a Deus.

E Hilda, como responde? Primeiro, ela se move dentro da tradição “erudição/vadia” que, como vimos, começa no ateísmo, passa pelo agnosticismo e termina na indiferença:

Estou sozinha se penso que tu existes.
Não tenho dados de ti, nem tenho tua vizinhança.
E igualmente sozinha se tu não existes.
De que me adiantam
Poemas ou narrativas buscando

Aquilo, que se não é, não existe
Ou se existe, então se esconde
Em sumidouros e cimos, nomenclaturas

Naquelas não evidências
Da matemática pura?

Se fosse para contar apenas com a racionalidade moderna, a matemática ou as nomenclaturas, ela poderia ficar por aqui, na absoluta impossibilidade de pensar Deus. Mas a “piedade” de Adélia, como vimos, contamina a “vadiagem” de Hilda e leva sua poesia em outra direção:

É neste mundo que te quero sentir
É o único que eu sei. O que me resta.
(...)
Dirás que o humano desejo
Não te percebe as fomes. Sim, meu Senhor,
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, neste texto,
Com os enlevos
De uma mulher que só sabe o homem.

Hilda percebe “as fomes” de Deus, sim, mas, imersa como está, na “erudição” moderna, só conhece a dimensão física do amor e por isso pede a Deus que a deixe amá-lo como uma mulher “que só sabe o homem”. Todavia, a “erudição” barroca de Adélia, que contamina sua poesia, faz com que Hilda se perceba “atada a múltiplas cordas” e procure libertar-se da prisão racionalista. E então, embora não conheça Deus, ela diz:

Vou caminhando tuas costas.
Palmas feridas, vou contornando
Pontas de gelo, luzes de espinho
E degredo, tuas omoplatas.

Depois disso, ela se lança à procura:

*Busco tua boca de veios
Adentro-me nas emboscadas.
Vazia te busco os meios.
Te fechas, teia de sombras
Meu Deus, te guardas.*

Deus se esconde e Hilda, como Madalena, se desespera e escreve, na melhor tradição dos salmos de lamento individual:

*A quem te procura, calas.
A mim que pergunto escondes
Tua casa e tuas estradas*

Vai mais longe, formula uma queixa:

*Depois trituras. Corpo de amantes
E amadas.*

*E buscas
A quem nunca te procura.*

A partir daí, Hilda inicia um processo de retorno ou o caminho de volta:

*Poderia, meu Deus, me aproximar?
Tu, na montanha.
Eu no meu sonho de estar
No resíduo dos teus sonhos?*

Se tivesse lido Isaías, Hilda teria encontrado esta resposta vertiginosa (18):

*Não temas porque não serás envergonhada, não te envergonhes porque
não sofrerás humilhação. Porque o teu Criador é o teu marido.*

De qualquer forma, unindo corpo e alma, como Adélia, ela aceita a metáfora da reconciliação matrimonial:

*Te amei sonâmbula
Esdrúxula, mas te amei inteira*

IV Uma relação antro-po-teofágica

... e se lembrar de tantas outras passagens... Seguindo a trilha aberta pelo Pseudo-Dionísio, vimos como o “desejo amoroso” de Deus, que aparece nas páginas bíblicas e contamina os profetas, os teólogos, a literatura em geral. Produziu a teologia do *cor inquietum* de recorte agostiniano, os arrebatamentos místicos, o *muero porque no muero* de Teresa d’Ávila, a nostalgia de romancistas e poetas. Vimos isso especialmente na poesia de Adélia Prado e Hilda Hilst.

O que chama a atenção no confronto entre essas duas autoras é a inversão que se dá no processo de desenvolvimento de cada uma. Adélia Prado parte da “erudição” escolástica que valoriza a alma em detrimento do corpo. Sua poesia, porém, descobre o corpo como algo também sagrado. Hilda Hilst parte da “erudição” moderna na qual só conta o corpo e, aos poucos, vai descobrindo a sua dimensão espiritual, a alma. E é só quando unem corpo e alma que elas conseguem dar sua resposta a Deus. Depois disso, que tipo de conclusão podemos extrair dessa leitura?

Em termos sartrianos, podemos dizer que Deus é o amor necessário, enquanto nossos amores humanos são todos contingentes. Nisso estão de acordo os teólogos e os romancistas e poetas que citamos, o que mostra que o espaço literário é também um espaço teológico, lugar onde aparece a *famelica cogitatione* de que fala Santo Agostinho (19). Nosso pensamento famélico, alimentado apenas pelas imagens das coisas visíveis, tem sede e fome do invisível, Deus. Este, por sua vez, ligou-se a nós, desde a Encarnação, por uma espécie de transfusão de sangue (20) e, literalmente, como nos diz Heschel, precisa de nós (21). Precisa tanto que Silesius pôde dizer: *Sei que, sem mim, Deus não pode viver* (22).

Então, uma vez que estamos assim tão indissoluvelmente unidos, marcados por uma relação quase antro-po-teofágica, podemos terminar com a poesia de Hilda Hilst, que resume a resposta humana ao “desejo amoroso” de Javé, essa personagem contraditória e apaixonante da Bíblia. É quando ela diz:

*Abre teus olhos, meu Deus,
Come de mim a tua fome.*

Depois de tudo isso, como é necessário interromper a conversa, o que podemos, se podemos, concluir? Primeiro, que a literatura está longe de ser crente. Ela é desconfiada, “de pé atrás”, como a poesia de João Cabral. Não obstante, parodiando Kierkegaard (23), podemos acrescentar que ela possui um dos elementos da fé: o desespero e, como uma apaixonada infeliz, põe nesse desespero todo o ardor de sua nostalgia. E por essas e outras ficamos sabendo que Javé, o Deus bíblico, não é um fracassado no amor.

Notas e referências bibliográficas

1. As citações do Pseudo-Dionísio, o Aeropagita, são tiradas de sua *Obra Completa*, São Paulo: Paulus, 2004.
2. As citações de Adélia Prado são tiradas de *Poesia Reunida*, São Paulo: Siciliano, 4ª. Edição, 1995.
3. As citações de Hilda Hilst são tiradas de *Poemas malditos, gozosos e devotos*, São Paulo: Globo, 2005.
4. “O amor que move o sol e as outras estrelas”.
5. Alusão a *O prazer do texto*, de Roland Barthes.
6. Nas *Confissões*: “O meu peso é o meu amor”.
7. Em *Aspectos do romance*, Porto Alegre: Globo, 1969.
8. *Deus, uma biografia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.
9. Estou me valendo de Berta Waldman em “Poesia nômade”, o belo prefácio que escreve para *Ata*, de Moacir Amâncio, RJ/SP: Record, 2007.
10. “A sulamita” in *Pensando biblicamente*, André LaCocque e Paul Ricoeur, Bauru, SP: Edusc, 2001.
11. No livro já citado, pág. 51..
12. Os teólogos chamam de *anabasis* o movimento do homem em direção a Deus e de *katabasis* o movimento contrário de Deus em busca do homem.
13. Cf. Rilke, J.M. *O amor de Madalena*, São Paulo: Landy, 2000.
14. In *De Trinitate*.

15. In Informations Catholiques Internationales, de 15/dezembro/1958.
16. O arcebispo e o secretário-geral do Partido são os “leitores terríveis” de que fala Octavio Paz no seu livro *Sor Juana Inês de la Cruz, Las trampas de la fé*, México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
17. “Salão de 1859” in *Poesia e prosa*, RJ: Aguilar, 2002.
18. Isaías, 54, 4-5.
19. No livro IX das *Confissões*.
20. No romance *O cônsul honorário*, Rio de Janeiro: Artenova, 1973.
21. Heschel, A. J. *Deus em busca do homem*, São Paulo: Paulinas, 1975.
22. Silesius, Ângelus. *O peregrino querubínico*, SP: Paulus, 1996.
23. Kierkegaard, Soren. *O desespero humano*, Porto: Tavares Martins, 1957.

* Este artigo é o desenvolvimento de comunicação apresentada ao Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada realizado na USP, em julho de 2008.

* * Waldecy Tenório é atualmente professor associado da PUC-SP. Trabalha na área de Literatura e teologia como pesquisador da Alalite- Associação Latino-americana de Literatura e Teologia, é autor, entre outros, de *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral* (Ateliê Editorial/Fapesp).E-mail: waldecytenorio@uol.com.br